



PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E COMPORTAMENTO SEXUAL DE ADOLESCENTES ESCOLARES

SOCIODEMOGRAPHIC PROFILE AND SEXUAL BEHAVIOR OF ADOLESCENT STUDENTS PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO Y COMPORTAMIENTO SEXUAL DE ADOLESCENTES EN LA ESCUELA

José Flavio de Lima Castro¹, Rodrigo Cappato de Araújo², Ana Carolina Rodarti Pitangui³

RESUMO

Objetivo: identificar a rede de compartilhamento, origem de informações e opinião a respeito de valores relativos à sexualidade, segundo o sexo. **Método:** estudo transversal, de abordagem quantitativa, com adolescentes dos 14 aos 19 anos do ensino médio de escolas públicas. Foi utilizado um questionário com dados sociodemográficos e de comportamentos sexuais. Os dados foram analisados no SPSS 20.0, com estatística descritiva, testes Qui-quadrado, Mann-Whitney e $p < 0,05$. **Resultados:** foram analisados 674 adolescentes, com média de $16,07 \pm 1,46$ anos. Destes, 60,8% eram pardos e 40,9%, evangélicos. O perfil das mães e pais foi marcado, respectivamente, por 51,1% e 58,5% com mais de oito anos de estudo e 56% e 85,7% com trabalho remunerado. Houve diferença segundo o sexo para maioria das variáveis, com maior aceitação ao comportamento dos meninos. **Conclusão:** é grande a influência da família nas condutas dos adolescentes, existindo padrão distinto entre os sexos. **Descritores:** Estudantes; Sexo; Relações Familiares; Valores Sociais.

ABSTRACT

Objective: to identify the network of sharing, origin of information and opinion about values related to sexuality, according to sex. **Method:** cross-sectional study, with a quantitative approach, with adolescents from 14 to 19 years of high school in public schools. A questionnaire was used with sociodemographic data and sexual behaviors. Data were analyzed in SPSS 20.0, with descriptive statistics, Chi-square, Mann-Whitney and $p < 0.05$ tests. **Results:** 674 adolescents were analyzed, with an average of 16.07 ± 1.46 years. Of these, 60.8% were pardos and 40.9%, evangelicals. The profile of the mothers and fathers was marked, respectively by 51.1% and 58.5% with more than eight years of study and 56% and 85.7% with paid work. There was a difference according to sex for most variables, with greater acceptance of the boys' behavior. **Conclusion:** the influence of the family on adolescents' behaviors is great, and there is a distinct pattern between the sexes. **Descriptors:** Students; Sex; Family Relations; Social Values.

RESUMEN

Objetivo: identificar la red de uso compartido, origen de informaciones y opinión acerca de los valores relacionados a la sexualidad, según el sexo. **Método:** estudio transversal, enfoque cuantitativo con adolescentes de 14 a 19 años, de estudiantes de secundaria de escuelas públicas. Se utilizó un cuestionario con datos sociodemográficos y comportamientos sexuales. Los datos fueron analizados en el SPSS 20.0, con estadística descriptiva, prueba de Chi-cuadrado, Mann-Whitney, y $p < 0.05$. **Resultados:** fueron analizados 674 adolescentes, con un promedio de 16.07 ± 1.46 años. De ellos, 60.8% eran marrón y 40.9%, evangélicos. El perfil de las madres y padres se caracterizó, por 51.1% y 58.5% con más de ocho años de estudio y 56% y 85.7% con trabajo remunerado. Hubo diferencias según el sexo para la mayoría de variables, con una mayor aceptación al comportamiento de los chicos. **Conclusión:** es grande la influencia de la familia en las conductas de los adolescentes, existiendo padrón distinto entre los sexos. **Descriptores:** Estudiantes; Sexo; Relaciones Familiares; Valores Sociales.

¹Enfermeiro, Professor Assistente, Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Centro Acadêmico de Vitória, Núcleo de Enfermagem. Recife (PE), Brasil. flaviocastro20@hotmail.com; ²Fisioterapeuta, Professor Associado, Universidade de Pernambuco/UPE, Programa de Mestrado em Hebiatria e Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB. Recife (PE), Brasil. rodrigo.cappato@upe.br; ³Fisioterapeuta, Professora Adjunto, Universidade de Pernambuco/UPE, Programa de Mestrado em Hebiatria e Programa de Pós-Graduação em Enfermagem UPE/UEPB, Recife (PE), Brasil. carolina.pitangui@upe.br

INTRODUÇÃO

A adolescência é um momento para a afirmação e consolidação de hábitos na vida adulta¹ no qual os jovens ficam mais suscetíveis a experimentações e mudanças comportamentais.² A iniciação sexual está associada às relações amplas que se entrelaçam entre o adolescente, a família, o relacionamento, a religião e o senso comum. Diante deste posicionamento, a iniciação sexual será pensada como um processo construído de forma biopsicossociocultural que segue uma conduta sistemática e delimitada verbal e não verbal para se enquadrar nos parâmetros ditos “corretos”.³

A família contemporânea está ligada a uma sociedade que se encontra no processo de transformação e essa mudança está refletindo diretamente na forma de criação deste jovem. Observa-se um distanciamento nas relações entre pais e filhos, principalmente, devido à dinâmica do trabalho e estudos, desencadeando, muitas vezes, uma relação de descompasso entre o adolescente e seus pais.⁴

Quando os pais não conseguem se entender com seu filho, o adolescente vai buscar outro adolescente para ser seu confidente, sendo esta situação chamada de grupo de pares, ou seja, é uma condição na qual o adolescente encontra uma pessoa que está vivenciando o mesmo problema, elevando sua segurança e estima e oferecendo um falso sentimento de completude, que é vivenciado pelo adolescente como uma forma de proteção.⁴

Antigamente, a sexualidade era trabalhada como um tema proibido, cheio de preconceitos que, indiretamente, são transmitidos para as gerações familiares atuais, a partir de heranças culturais como valores, crenças, mitos e costumes, e isto vai de encontro à concepção que os adolescentes, do século XXI, pregam, demonstrando quão necessário é compreender a sexualidade como uma influência do meio em que vive e pelos valores arraigados pela sociedade contemporânea.⁵

Ainda há muito a se fazer para garantir os direitos sexuais e reprodutivos dos adolescentes.⁶ Mesmo nos dias atuais, falar de sexualidade permanece um tabu e, ao se abordar o recorte de gênero, ainda se observam assimetrias entre os sexos.^{6,7} Atribui-se à sexualidade feminina o fato de que a mulher, tradicionalmente, é preparada para o matrimônio e reprodução, situação que favorece a conformação repressora dessa sexualidade, tendo a virgindade e a fidelidade como pontos virtuosos exaltados pelas

famílias,⁷ enquanto que meninos são estimulados a ser fortes, viris e a demonstrarem sua masculinidade, iniciando sua atividade sexual precocemente.⁸

Ao se considerar como significativo o número de adolescentes no cenário brasileiro, constata-se que ainda se tem um longo caminho a ser percorrido na implementação e, principalmente, na transformação das políticas públicas vigentes para essa população. A compreensão da condição e da situação juvenil se faz cada vez mais necessária na estruturação de políticas, em especial, na área da saúde. Tem-se, com isso, a necessidade dessas ações se atentarem para as vivências, as especificidades e os diversos modos de adotar e de ser jovem no Brasil.⁹

Pesquisas voltadas ao entendimento do comportamento adolescente são de fundamental importância para a compreensão do perfil dessa parcela da população e podem auxiliar no desenvolvimento e aprimoramento das políticas públicas.

OBJETIVOS

- Identificar a rede de compartilhamento, origem de informações e opinião a respeito de valores relativos à sexualidade, segundo o sexo.
- Caracterizar o perfil sociodemográfico dos adolescentes escolares e dos pais.

MÉTODO

Estudo descritivo, transversal, realizado com adolescentes matriculados no ensino médio em escolas da rede pública estadual da cidade de Recife-PE, Brasil, no período de abril a julho de 2013. Todos os voluntários e seus respectivos responsáveis foram informados sobre os procedimentos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, os procedimentos foram pautados segundo a resolução nº 466/12 do Conselho Nacional da Saúde e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco, sob o parecer nº 212.086.

Incluíram-se os estudantes do ensino médio regularmente matriculado na rede pública estadual na regional Recife; com idade entre 14 a 19 anos e que entregaram o TCLE assinado pelo responsável. Foram excluídos aqueles que apresentavam diagnóstico médico de patologia neurológica ou alteração no estado físico, comportamental e/ou psicológico que impossibilitasse o preenchimento dos instrumentos de coleta e

questionários contendo erros de preenchimentos.

A distribuição das escolas foi feita pela divisão em região geográfica, porte das escolas e período de matrícula (manhã, tarde e integral), visando a garantir a proporcionalidade amostral. A distribuição regional foi dividida pelo número de escolas existentes nas regiões do Recife Norte e Recife Sul. As escolas foram classificadas em três categorias: pequeno porte (menos de 200 alunos); médio porte (200 a 499 alunos); e grande porte (500 alunos ou mais). Todas as escolas da rede pública estadual de Recife foram consideradas elegíveis.

Para a seleção da amostra, recorreu-se ao procedimento de amostragem aleatória estratificada em dois estágios, sendo que a “escola” e a “turma” representaram as unidades amostrais. Chegou-se ao número total de 26 escolas e 95 turmas, o que representou 24% das escolas. Para a quantificação da amostra, utilizou-se o programa WinPepi, considerando-se uma população de 55.058 estudantes, intervalo de confiança de 95%, erro máximo tolerável de cinco pontos percentuais e prevalência estimada de 50%, por se tratar de múltiplos comportamentos. Foram acrescidos 20% ao tamanho da amostra, visando a atenuar eventuais perdas, totalizando 477 adolescentes. No entanto, foi realizada a multiplicação do tamanho mínimo da amostra por 1.4 (efeito do delineamento), perfazendo 667 adolescentes.

Inicialmente, foi realizado um estudo piloto com 35 adolescentes para testar a aplicabilidade do instrumento, possíveis correções e treinamento dos pesquisadores. Ao todo, participaram 13 pesquisadores, devidamente treinados. Em seguida, ocorreu a divulgação nas escolas selecionadas e foi feita a entrega do TCLE aos alunos. Os voluntários foram submetidos ao inquérito sociodemográfico e sobre o comportamento sexual por meio de um questionário autoexplicativo, de caráter anônimo, ao qual responderam, na ausência do professor. As

perguntas foram formuladas de forma direta e as respostas, classificadas como fechadas.

O instrumento foi baseado em um estudo prévio¹⁰ e englobava 74 questões, contendo os domínios: sociodemográficos (composto por dez questões), estrutura familiar (composto por duas questões), informações sobre mãe/madrasta (composto por sete questões), informações sobre pai/padrasto (composto por sete questões), valores e relação familiar (composto por doze questões), preferências reprodutivas (composto por quatro questões), namoro (composto por quatro questões), comportamento reprodutivo (composto por vinte e seis questões) e ausência de iniciação sexual (composto por duas questões). Ao final do estudo, os estudantes foram orientados a depositar o questionário em uma urna localizada dentro da sala de aula e convidados a sair da sala.

Os dados foram processados no programa *Microsoft Excel*, por meio de digitação dupla e analisados utilizando o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20.0. Foi empregada a estatística descritiva para as variáveis categóricas e, para as variáveis numéricas, foram calculados valores de média, desvio-padrão, máximo e mínimo. Na análise inferencial, foram utilizados os testes de Qui-quadrado de Pearson e Mann-Whitney, a fim de analisar as diferenças existentes entre os adolescentes, segundo os sexos masculino e feminino. Em todos os testes, foi considerado valor de $p < 0,05$.

RESULTADOS

Participaram do estudo 744 adolescentes, no entanto, 70 foram excluídos por apresentarem questionários contendo erros de preenchimentos. Desse modo, foram analisados os dados de 674 adolescentes, com média de idade de $16,07 \pm 1,46$ anos, com o mínimo de 13 e máximo de 19 anos. Desses, 251 (37,2%) eram do sexo masculino e 423 (62,8%), do sexo feminino. Dados referentes à caracterização e comparação da amostra quanto às variáveis sociodemográficas e econômicas podem ser vistos na tabela 1.

Tabela 1. Distribuição das características sociodemográficas e econômicas dos adolescentes, segundo o sexo da amostra. Recife (PE), Brasil, 2013.

Variáveis	Masculino	Feminino	Total	Valor de p
Idade	16,23 ± 1,45	15,97 ± 1,46	16,07 ± 1,46	0,021*
Nº de moradores na residência ^a	3,95 ± 2,18	3,75 ± 1,80	3,82 ± 1,95	0,529
Cor ^b				
Branca	63 (25,6%)	80 (19,4%)	143 (21,7%)	0,007*
Parda	151 (61,4%)	249 (60,4%)	400 (60,8%)	
Preta	13 (5,3%)	16 (3,9%)	29 (4,4%)	
Amarela	13 (5,3%)	57 (13,8%)	70 (10,6%)	
Indígena	6 (2,4%)	10 (2,4%)	16 (2,4%)	
Religião ^c				
Católica	48 (20,1%)	118 (28,7%)	166 (25,5%)	0,217
Evangélica	103 (43,1%)	163 (39,7%)	266 (40,9%)	
Espírita	9 (3,8%)	14 (3,4%)	23 (3,5%)	
Outras	11 (4,6%)	16 (3,8%)	27 (4,2%)	
Nenhuma	68 (28,5%)	100 (24,3%)	168 (25,2%)	
Renda Mensal ^d				
Menor que 1 salário mínimo	43 (22,3%)	92 (29,3%)	135 (26,6%)	0,014*
Entre 1 e 2 salários mínimos	77 (39,9%)	141 (44,9%)	218 (43%)	
Maior que 2 salários mínimos	73 (37,8%)	81 (25,8%)	154 (30,4%)	
Trabalho				
Não	227 (90,4%)	392 (92,7%)	619 (91,8%)	0,306
Sim	24 (9,6%)	31 (7,3%)	55 (8,2%)	
Residência ^e				
Própria	211 (85,5%)	330 (79,1%)	541 (81,6%)	0,033*
Alugada	35(14,2%)	87 (20,9%)	122 (18,4%)	
Zona ^f				
Urbana	240 (96,8%)	391 (95,1%)	631 (95,8%)	0,312
Rural	8 (3,2%)	20 (4,9%)	28 (4,2%)	
Considera-se religioso				
Não	59 (23,5%)	67 (15,8%)	126 (18,7%)	0,006*
Sim	79 (31,5%)	179 (42,3%)	258 (38,3%)	
Mais ou menos	113 (45,0%)	177 (41,8%)	290 (43,0%)	

Amostra: 674; Casos válidos: ^an=667; ^bn=658; ^cn=650; ^dn=507; ^en=663; ^fn=659; Nº: Número; *p < 0,05.

Em relação ao perfil sociodemográfico e econômico dos pais dos adolescentes, pode-se observar, na tabela 2, que não houve diferença estatística significativa entre os casos válidos em nenhuma das variáveis

analisadas. Verificou-se, ainda, que a idade materna variou com mínimo de 29 e máximo de 75 anos, enquanto que a paterna variou com mínimo de 25 e máximo de 80 anos.

Tabela 2. Distribuição das características sociodemográficas e econômicas dos pais dos adolescentes, segundo o sexo da amostra. Recife (PE), Brasil, 2013.

Variáveis	Masculino	Feminino	Total	Valor de p
Idade (mãe) ^a	39,92 ± 6,14	39,71 ± 6,59	39,83 ± 6,48	0,551
Idade (pai) ^b	43,32 ± 7,11	43,31 ± 8,03	43,32 ± 7,66	0,693
Escolaridade (mãe) ^c				
Até 8 anos de estudo	83 (44,4%)	161 (51,6%)	244 (48,9%)	0,118
Acima de 8 anos de estudo	104 (55,6%)	151 (48,4%)	255 (51,1%)	
Escolaridade (pai) ^d				
Até 8 anos de estudo	64 (37,4%)	115 (44,2%)	179 (41,5%)	0,161
Acima de 8 anos de estudo	107 (62,6%)	145 (55,8%)	252 (58,5%)	
Trabalho remunerado (mãe) ^e				
Não	97 (44,1%)	168 (44,0%)	265 (44,0%)	0,979
Sim	123 (55,9%)	214 (56,0%)	337 (56,0%)	
Trabalho remunerado (pai) ^f				
Não	20 (10,7%)	49 (16,6%)	69 (14,3%)	0,073
Sim	167 (89,3%)	247 (83,4%)	414 (85,7%)	
Estado conjugal (mãe)				
Casada/União estável	180 (71,7%)	272 (64,3%)	452 (67,1%)	0,152
Solteira	39 (15,5%)	90 (21,3%)	129 (19,1%)	
Separada	27 (10,8%)	46 (10,9%)	73 (10,8%)	
Viúva	5 (2,0%)	15 (3,5%)	20 (3,0%)	
Estado conjugal (pai)				
Casada/União estável	202 (80,5%)	331 (78,3%)	533 (79,1%)	0,506
Solteira	25 (10,0%)	58 (13,7%)	83 (12,3%)	
Separada	21 (8,4%)	30 (7,1%)	51 (7,6%)	
Viúva	3 (1,2%)	4 (0,9%)	7 (1,0%)	
Religião (mãe) ^g				
Católica	69 (31,8%)	135(33,8%)	204 (33,1%)	0,568
Evangélica	100 (46,1%)	161(40,4%)	261 (42,4%)	
Espírita	10 (4,6%)	15(3,8%)	25 (4,1%)	
Outras	4 (1,8%)	9(2,3%)	13 (2,1%)	

Nenhuma	34 (15,7%)	79(19,8%)	113 (18,3%)	0,083
Religião (pai) ^h				
Católica	55 (28,5%)	101(30,1%)	156 (29,5%)	
Evangélica	72 (37,3%)	89(26,5%)	161 (30,4%)	
Espírita	4 (2,1%)	13(3,9%)	17 (3,2%)	
Outras	4 (2,1%)	12(3,6%)	16 (3,0%)	
Nenhuma	58 (30,1%)	121(36,0%)	179 (33,8%)	

Amostra: 674; Casos válidos: ^an=561; ^bn=441; ^cn=499; ^dn=431; ^en=602; ^fn=483;^gn=616; ^hn=529; p < 0,05.

Os dados referentes à comparação das opiniões dos adolescentes em relação aos valores que seus pais possuem sobre as questões relativas à sexualidade podem ser observados na tabela 3. Verifica-se que houve diferença estatística significativa na comparação entre os sexos na maioria das

variáveis avaliadas. Em grande parte das variáveis, ocorreu maior prevalência de aceitação no posicionamento e atitudes dos pais em relação às questões sobre sexualidade com os meninos, quando comparados às meninas.

Tabela 3. Distribuição da opinião dos adolescentes em relação aos valores que seus pais possuem quanto às questões relativas à sexualidade, segundo o sexo da amostra. Recife (PE), Brasil, 2013.

Variáveis	Masculino	Feminino	Total	Valor de p
Mãe concorda com vida sexual ^a				0,001*
Não	85 (44,3%)	262 (72,8%)	347 (62,9%)	
Sim	107 (55,7%)	98 (27,2%)	205 (37,1%)	
Pai concorda com vida sexual ^b				0,001*
Não	57 (32,2%)	278 (85,3%)	335 (66,6%)	
Sim	120 (67,8%)	48 (14,7%)	168 (33,4%)	
Abertura para perguntar de sexo (mãe) ^c				0,710
Não	73 (32,9%)	127 (31,4%)	200 (31,9%)	
Sim	149 (67,1%)	277 (68,6%)	426 (68,1%)	
Abertura para perguntar de sexo (pai) ^d				0,001*
Não	76 (35,8%)	289 (76,7%)	365 (62,0%)	
Sim	136 (64,2%)	88 (23,3%)	224 (38,0%)	
Conforto em contar sentimentos (mãe) ^e				0,144
Não	116 (50,4%)	184 (44,4%)	300 (46,6%)	
Sim	114 (49,6%)	230 (55,6%)	344 (53,4%)	
Conforto em contar sentimentos (pai) ^f				0,001*
Não	134 (62,3%)	314 (79,3%)	448 (73,3%)	
Sim	81 (37,7%)	82 (20,7%)	163 (26,7%)	
Posicionamento namoros/passeios (mãe) ^g				0,011*
Liberal	106 (44,9%)	139 (33,9%)	245 (37,9%)	
Meio termo	103 (43,6%)	200 (48,8%)	303 (46,9%)	
Rígida	27 (11,4%)	71 (17,3%)	98 (15,2%)	
Posicionamento namoros/passeios (pai) ^h				0,001*
Liberal	129 (59,4%)	74 (19,9%)	203 (34,5%)	
Meio termo	67 (30,9%)	173 (46,6%)	240 (40,8%)	
Rígida	21 (9,7%)	124 (33,4%)	145 (24,7%)	

Casos válidos: ^an=552; ^bn=503; ^cn=626; ^dn=589; ^en=644; ^fn=611; ^gn=646; ^hn=588;*p < 0,05.

Quanto à rede de compartilhamento dos adolescentes sobre informações referentes a sexo e sexualidade, pode-se observar, na tabela 4, que não houve diferença estatística significativa nas variáveis, contudo, maior

proporção, tanto de meninas, quanto de meninos, conversa mais sobre sexo com amigos e sobre gravidez e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) com os pais.

Tabela 4. Distribuição das variáveis relacionadas à rede com quem os adolescentes compartilham informações relacionadas ao sexo/sexualidade, segundo o sexo da amostra. Recife (PE), Brasil, 2013.

Variáveis	Masculino	Feminino	Total	Valor de p
Com quem conversa sobre sexo ^a				0,068
Amigos	85 (34,8%)	149 (35,8%)	234 (35,5%)	
Pais	53 (21,7%)	97 (23,3%)	150 (22,7%)	
Ninguém	50 (20,5%)	46 (11,1%)	96 (14,5%)	
Mais de uma pessoa	18 (7,4%)	48 (11,5%)	66 (10,0%)	
Irmãos	11 (4,5%)	28 (6,7%)	39 (5,9%)	
Namorado(a)	11 (4,5%)	25 (6,0%)	36 (5,5%)	
Parentes	13 (5,3%)	19 (4,6%)	32 (4,8%)	
Professor	2 (0,8%)	3 (0,7%)	5 (0,8%)	
Profissional de Saúde	1 (0,4%)	1 (0,2%)	2 (0,3%)	
Com quem conversa sobre gravidez ^b				0,071
Pais	84 (36,7%)	138 (33,7%)	222 (34,7%)	
Amigos	30 (13,1%)	92 (22,4%)	122 (19,1%)	
Ninguém	49 (21,4%)	59 (14,4%)	108 (16,9%)	
Mais de uma pessoa	23 (10,0%)	33 (8,0%)	56 (8,8%)	
Professor	10 (4,4%)	19 (4,6%)	29 (4,5%)	
Namorado(a)	12 (5,2%)	17 (4,1%)	29 (4,5%)	
Profissional de Saúde	8 (3,5%)	17 (4,1%)	25 (3,9%)	
Irmãos	6 (2,6%)	19 (4,6%)	25 (3,9%)	
Parentes	7 (3,1%)	16 (3,9%)	26 (3,6%)	
Com quem conversa sobre IST/Aids ^c				0,054
Pais	88 (37,6%)	133 (32,6%)	221 (34,4%)	
Profissional de Saúde	25 (10,7%)	71 (17,4%)	96 (15,0%)	
Professor	39 (16,7%)	55 (13,5%)	94 (14,6%)	
Ninguém	34 (14,5%)	54 (13,2%)	88 (13,7%)	
Amigos	20 (8,5%)	43 (10,5%)	63 (9,8%)	
Mais de uma pessoa	23 (9,8%)	27 (6,6%)	50 (7,8%)	
Parentes	1 (0,4%)	12 (2,9%)	13 (2,0%)	
Irmãos	3 (1,3%)	9 (2,2%)	12 (1,9%)	
Namorado(a)	1 (0,4%)	4 (1,0%)	5 (0,8%)	

Casos válidos: ^an=660; ^bn=639; ^cn=642; IST/Aids: Infecções Sexualmente Transmissíveis/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida; p < 0,05.

Sobre a origem das informações que os adolescentes possuem em relação ao sexo e sexualidade, pode-se observar, na tabela 5,

que não houve diferença significativa entre a maioria das condições. No entanto, observou-se diferença entre os meios de informação.

Tabela 5. Distribuição das variáveis relacionadas à origem das informações que os adolescentes possuem em relação ao sexo/sexualidade, segundo o sexo da amostra. Recife (PE), Brasil, 2013.

Variáveis	Masculino	Feminino	Total	Valor de p
Informações sobre sexo/sexualidade ^a				0,005*
Diversos meios	143 (61,6%)	217 (54,1%)	360 (56,9%)	
Internet	39 (16,8%)	52 (13,0%)	91 (14,4%)	
Escola	14 (6,0%)	44 (11,0%)	58 (9,2%)	
Casa	17 (7,3%)	41 (10,2%)	58 (9,2%)	
Posto de Saúde	2 (0,9%)	23 (5,7%)	25 (3,9%)	
TV/Rádio	8 (3,4%)	15 (3,7%)	23 (3,6%)	
Professor que fala sobre sexualidade ^b				0,097
Biologia	122 (54,7%)	239 (62,1%)	361 (59,4%)	
Nenhum	34 (15,2%)	41 (10,6%)	75 (12,3%)	
Diversos	25 (11,2%)	43 (11,2%)	68 (11,2%)	
Literatura/Língua Portuguesa/Redação	14 (6,3%)	11 (2,9%)	25 (4,1%)	
Química/Física	7 (3,1%)	18 (4,7%)	25 (4,1%)	
Artes	6 (2,7%)	15 (3,9%)	21 (3,5%)	
Matemática	9 (4,0%)	9 (2,3%)	18 (3,0%)	
História/Geografia	3 (1,3%)	8 (2,1%)	11 (1,8%)	
Educação Física	3 (1,3%)	1 (0,3%)	4 (0,7%)	
Palestra sexualidade na escola ^c				0,859
Não	60 (27,4%)	105 (28,1%)	165 (27,8%)	
Sim	159 (72,6%)	269 (71,9%)	428 (72,2%)	0,394
Palestra sexualidade no posto de saúde ^d				
Não	171 (76%)	282(72,9%)	453 (74,0%)	
Sim	54 (24%)	105(27,1%)	159 (26,0%)	

Casos válidos: ^an=633; ^bn=608; ^cn=593; ^dn=612; *p ≤ 0,05.

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo mostram que os meninos apresentaram idade superior quando comparado às meninas, no entanto, o perfil dos adolescentes foi marcado por uma média

de idade de 16,07 ± 1,46 anos, similar ao encontrado por outros autores, que verificaram médias de 16,8 ± 1,3 e de 15,3 ± 1,09 anos.^{11,12} Apesar da maioria ter se declarado parda, observou-se diferença entre os sexos, com maior prevalência de amarelos

entre as meninas. Diferentes percentuais são referidos nos estudos quando se trata da variável cor, visto que fatores como a localidade podem influenciar na sua prevalência. No Nordeste, a porcentagem de negros e pardos é de 65,7%, taxa que corrobora com o encontrado neste estudo.¹³

Pequena parcela dos adolescentes declarou não possuir religião, sendo a evangélica a mais prevalente. Estudos nacionais^{14,15} e internacionais¹⁶ evidenciaram que a religião tem influência direta na sexualidade dos adolescentes, principalmente, em relação ao retardo da iniciação sexual, em função da disseminação de normas e valores sobre o que é correto, como a proibição do ato sexual pré-marital ou de múltiplos parceiros.

A renda mensal mais prevalente foi entre um e dois salários mínimos. Os meninos apresentaram maior renda, quando comparados às meninas. Do mesmo modo, ocorreu em relação ao tipo de residência no qual os meninos apresentaram maior prevalência em relação à moradia própria. Mesmo com essa diferença, fica evidente que o perfil dos adolescentes foi de baixo poder aquisitivo. Tal achado retrata o perfil nacional dos jovens inseridos nas escolas públicas. Contudo, mesmo com este cenário, a maioria dos adolescentes referiu que não trabalhava para complementar a renda familiar, sendo dependente de seus familiares, fato também verificado por outros autores.¹⁷

Em relação à caracterização dos pais dos adolescentes, as variáveis foram homogêneas entre ambos os sexos. O perfil foi marcado por média de idade de $39,83 \pm 6,48$, com a maioria casada ou em união estável, possuindo escolaridade superior a oito anos de estudo e com trabalho remunerado, sendo ambas as condições mais prevalentes no pai. Porém, grande parte das mães também trabalhava. Acredita-se que o fato de a maioria dos pais viverem juntos possa ter influência da crença nos valores familiares, uma vez que a maioria foi considerada cristã, e essa religião prega o casamento e apego à família.¹⁴

No panorama atual, com a necessidade de se garantir melhor qualidade de vida e independência financeira, é crescente a introdução das mulheres no mercado de trabalho.¹⁸ Essa realidade vem desconstruir o modelo hegemônico, prevalente nos anos 50 no Brasil, no qual o pai, chamado de chefe da família, era o responsável pelo sustento da casa e sua esposa, dedicada ao lar e aos filhos. No entanto, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, observa-se que essa

acaba por desempenhar duplas ou triplas jornadas de trabalho, se dividindo entre os cuidados com a família, a casa e o trabalho, exercendo papel fundamental na estrutura familiar atual.¹⁹

Na perspectiva dos adolescentes, quanto aos valores que seus pais possuem referentes à sexualidade e vida sexual, observou-se diferença na maior parte das variáveis, evidenciando que ainda é forte socialmente a diferenciação de valores e condutas permitidas pelos pais segundo o sexo do filho. Desse modo, verifica-se que, para o núcleo familiar, ainda existem relações de sexo distintas entre meninos e meninas, sendo refletidas na forma como são construídos e passados os valores e normas, que acabam sendo internalizados nas condutas e comportamentos sexuais dos adolescentes.^{15,20,21}

Na abertura para perguntar sobre sexo, houve diferença entre os adolescentes em relação ao pai, que apresentou elevado percentual de diálogo com os meninos, quando comparados às meninas. Quando questionados sobre o conforto em contar seus sentimentos para seus pais, tanto para as meninas, quanto para os meninos, foi considerado desconfortável conversar sobre sentimentos com a figura paterna. Os aspectos relacionados a namoros e passeios apresentaram diferença entre os adolescentes, tanto em relação à mãe, quanto ao pai, sendo considerados mais liberais com os meninos do que com as meninas. Contudo, apesar de ambos os pais serem mais rígidos com as meninas, as mães demonstraram maior percentual de aceitação do que os pais.

Resultados semelhantes ao deste estudo foram encontrados em uma pesquisa desenvolvida em São Paulo na qual foram constatadas elevadas prevalências em ambos os sexos de não abertura para conversar com o pai, porém, maiores no sexo feminino do que no masculino, confirmando, assim, a dificuldade dos adolescentes em expor seus sentimentos com a figura paterna.²²

Com base nos resultados deste estudo, pode-se inferir que, na visão dos adolescentes, existe uma maior abertura para conversar sobre sexo com a mãe do que com o pai, demonstrando que as mães deixam seus filhos mais livres para se expressar. Assim, esses dados trazem à tona a reflexão de que ainda são necessárias ações que visem a trabalhar uma mudança na vivência do binômio pai-filho ou pai-filha, buscando uma maior interação permeada pelo diálogo e compreensão.

Entretanto, mesmo sendo observado um distanciamento dos pais ao tratar de sexualidade com os filhos nos dias atuais, constata-se que, aos poucos, algumas mudanças sociais começam a ser visualizadas, uma vez que estes resultados demonstram maior prevalência entre ambos os sexos de uma atitude dos pais considerada liberal ou meio termo, quando comparada à rígida, indo ao encontro do verificado por outros autores.²²

Na esfera referente à rede social com quem os adolescentes compartilham informações relacionadas ao sexo e sexualidade, não houve diferença, sendo observado que os amigos foram a fonte mais citada, enquanto, em relação às dúvidas sobre a gravidez e IST/Aids, os pais foram os mais relatados. Foi pequeno o número de adolescentes que procuram os serviços de saúde para tirar dúvidas e receber orientações, evidenciando que as ações e programas vigentes ainda não conseguiram atingir o público jovem de forma adequada.

Em relação à origem das informações adquiridas, houve diferença entre os adolescentes, com maior prevalência em diversos meios, seguido pelo uso isolado da internet, ambos com percentual superior nos meninos. Por outro lado, foi maior o percentual de meninas que referiu ter obtido conhecimento na escola e em casa.

Na disseminação do conhecimento sexual na escola, o professor de Biologia foi o mais citado, seguido por nenhum professor, destacando que ainda é centralizada a abordagem dessa temática apenas nos conteúdos exclusivamente biológicos, sem extrapolar para situações que realmente estão sendo vivenciadas pelos adolescentes.²³ Assim, mesmo com a exigência do Ministério da Educação e Cultura, desde 1996, sobre a inclusão da orientação sexual como tema transversal nos parâmetros nacionais curriculares das escolas brasileiras,²³⁻²⁵ observa-se que, na prática, ainda existe uma lacuna.

Algumas limitações devem ser feitas em relação a este estudo, como a amostra específica de uma região do Brasil, não podendo deduzir que as conclusões encontradas sejam aplicáveis em outras regiões brasileiras ou mesmo mundialmente. Além disso, todas as respostas foram baseadas no autorrelato dos adolescentes, o que poderia ocasionar um viés de memória, fragilidade essa inerente de estudos transversais retrospectivos.²⁶ Outro aspecto é o fato da imprecisão que pode ocorrer em

relação às informações referentes aos pais dos adolescentes, pois, muitas vezes, os filhos não sabem responder dados relacionados à família.

Por fim, fica como sugestão a realização de estudos futuros que comparem as diferentes realidades brasileiras, as diversidades entre os estudantes do ensino privado e público, e avaliem a associação de comportamentos de risco que possam afetar os aspectos sexuais e reprodutivos, bem como a diversidade sexual dos adolescentes.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir, com os resultados deste estudo, que os adolescentes analisados apresentaram um perfil demarcado pelo baixo poder aquisitivo, cor parda, com predominância evangélica, não trabalhavam e possuíam residência própria. Em relação aos seus pais, maior parcela possuía mais de oito anos de estudo, trabalho remunerado, relação estável e era cristã.

A figura paterna demonstrou maior diferença entre o sexo dos adolescentes do que a materna. No entanto, nas situações relacionadas à iniciação sexual e sexualidade, foi notado que, para ambos os pais, é mais fácil aceitar as condutas do adolescente do sexo masculino do que feminino.

Os amigos foram a rede de compartilhamento mais procurada para conversar sobre sexo, porém, em relação à gravidez e IST/Aids, os pais foram os mais solicitados. A origem das informações sobre sexualidade ocorreu por diversos meios, porém, isoladamente, a internet foi a mais empregada.

Em suma, trabalhar com comportamento e práticas sexuais entre adolescentes abrange complexidade e multidimensionalidade, em razão das distintas concepções existentes, principalmente ao se abordar as relações de gênero. Mesmo nos dias atuais, ainda é grande a influência do núcleo familiar nas condutas e práticas dos adolescentes, sendo presente um padrão distinto entre meninos e meninas, que é fortemente arraigado aos valores e crenças tradicionais que acabam por internalizar os comportamentos sexuais desse grupo.

REFERÊNCIAS

1. Malta DC, Mascarenhas MDM, Porto DL, Duarte EA, Sardinha LM, Barreto SM et al. Prevalence of alcohol and drug consumption among adolescents: data analysis of the National Survey of School Health. Rev bras epidemiol [Internet]. 2011 [cited 2016 July 04];14(Suppl 1):136-46. Available from:

- http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2011000500014&lng=en. doi: 10.1590/S1415-790X2011000500014.
2. Barreto SM, Giatti L, Casado L, Moura L, Crespo C, Malta DC. Exposição ao tabagismo entre escolares no Brasil. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2010 [cited 2016 July 07];15(Supl 2):3027-34. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000800007&lng=en. doi:10.1590/S1413-81232010000800007.
3. Nascimento EF, Gomes R. Iniciação sexual masculina: conversas íntimas para fóruns privados. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2009 [cited 2016 July 07];14(4):1101-10. Available from: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400016&lng=pt. doi:10.1590/S1413-81232009000400016.
4. Stengel M, Tozo SMPS. Projetos afetivo-sexuais por adolescentes e seus pais. *Pesqui prá psicossociais* [Internet]. 2010 [cited 2016 July 07];5(1):72-82. Available from: http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n1/stengel_e_tozo.pdf
5. Colombo SF. A adolescência dos filhos e a sexualidade dos pais. *Pediatr Mod* [Internet]. 2011 [cited 2016 July 07];47(6):202-6. Available from: http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=4894
6. Campos HM, Schall VT, Nogueira MJ. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Saúde debate* [Internet]. 2013 [cited 2016 July 08];37(97):336-46. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042013000200015&lng=en.
7. Moreira MRC, Santos JFFQ. Entre a modernidade e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias. *Esc. Anna Nery* [Internet]. 2011 [cited 2016 July 07];15(3): 558-6. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000300017&lng=en. doi.org/10.1590/S1414-81452011000300017.
8. Gubert D, Madureira VSF. Iniciação sexual de homens adolescentes. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2008 [cited 2016 July 07];13(Supl 2):2247-56. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000900029&lng=en. doi:10.1590/S1413-81232008000900029.
9. Horta NC, Sena RR. Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas públicas

- de saúde no Brasil: um estudo de revisão. *Physis* [Internet]. 2010 [cited 2016 July 07];20(2):475-95. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312010000200008&lng=en. doi:10.1590/S0103-73312010000200008.
10. Borges ALV, Nakamura E. Social norms of sexual initiation among adolescents and gender relations. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet]. 2009 [cited 2016 July 08];17(1):94-100. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692009000100015&lng=en. doi:10.1590/S0104-11692009000100015.
11. Bergamim MD, BORGES ALV. Fatores associados à iniciação sexual entre adolescentes da zona oeste do município de São Paulo. *Rev Gaúcha Enferm* [Internet]. 2009 [cited 2016 July 07];30(3):420-8. Available from: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchaEnfermagem/article/view/9316/6963>
12. Theobald VD, Nader SS, Pereira DN, Gerhardt CR, Oliveira FJM. A universidade inserida na comunidade: conhecimentos, atitudes e comportamentos de adolescentes de uma escola pública frente a doenças sexualmente transmissíveis. *Rev AMRIGS* [Internet]. 2012 [cited 2016 July 07];56(1):26-31. Available from: http://www.amrigs.org.br/revista/56-1/0000095572-6_929.pdf
13. Unicef. O direito de ser adolescente: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Fundo das Nações Unidas para a Infância: Brasília, DF; 2011. Available from: http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf
14. Verona APA, Dias Júnior, CS. Religião e fecundidade entre adolescentes no Brasil. *Rev Panam Salud Publica* [Internet]. 2012 [cited 2016 July 07];31(1): 25-31. Available from: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892012000100004&lng=en. doi:10.1590/S1020-49892012000100004.
15. Hugo TDO, Maier VT, Jansen K, Rodrigues CEG, Cruzeiro ALS, Ores LC et al. Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2011 [cited 2016 July 07];27(11): 2207-14. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011001100014&lng=en. doi:10.1590/S0102-311X2011001100014.
16. Agha S, Hutchinson P, Kusanthan T. The effects of religious affiliation on sexual initiation and condom use in Zambia. *J*

Castro JFL, Araújo RC de, Pitangui ACR et al.

Perfil sociodemográfico e comportamento sexual...

Adolesc Health [Internet]. 2006 [cited 2016 July 07];38(5):550-5. Available from:

<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1054139X0500279X>

doi:10.1016/j.jadohealth.2005.04.012

17. Vilelas Janeiro JM. Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola? Rev Gaúcha Enferm [Internet]. 2008 [cited 2016 July 07];29(3):382-90. Available from:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchaEnfermagem/article/view/6758/4063>

18. Silva MRS, Luz GS, Cezar-Vaz MR, Silva PA. Trabalho familiar: distribuição desejada do trabalho doméstico e cuidados dos filhos entre cônjuges. Rev Gaúcha Enferm [Internet]. 2012 [cited 2016 July 07];33(1):124-31. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000100017&lng=en.

doi: 10.1590/S1983-14472012000100017.

19. Jablonski B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. Psicol cienc prof [Internet]. 2010 [cited 2016 July 07];30(2):262-75. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200004&lng=en

doi:10.1590/S1414-98932010000200004.

20. Brêtas JRS, Ohara CVS, Jardim DP, Aguiar JW, Oliveira JR. Aspectos da sexualidade na adolescência. Ciênc saúde coletiva [Internet]. 2011 [cited 2016 July 07];16(7):3221-28. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000800021&lng=en

doi:10.1590/S1413-81232011000800021.

21. Borges ALV, Bergamim MD, Fujimori E, Hoga LAK, Corrêa ACP. Adolescents' opinions about social norms that influence sexual initiation and behavior. Rev enferm UFPE on line [Internet]. 2011 [cited 2016 July 08];5(3):645-51.

http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/1421/pdf_477

doi: 10.5205/reuol.1262-12560-1-

LE.0503201112

22. Borges ALV, Latorre MRDO, Schor N. Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do Município de São Paulo, Brasil. Cad Saúde Pública [Internet]. 2007 [cited 2016 July 07];23(7):1583-94. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000700009&lng=en

doi:10.1590/S0102-311X2007000700009.

23. Almeida SA, Nogueira JA, Silva AO, Torres GV. Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? Rev Gaúcha Enferm [Internet]. 2011 [cited 2016 July 07]; 32(1):107-13. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472011000100014&lng=en

doi:10.1590/S1983-14472011000100014.

24. Avila AH, Toneli MJF, Andalo CSA. Professores/as diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar. Psicol estud [Internet]. 2011 [cited 2016 July 07];16(2):289-98. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000200012&lng=en

doi:10.1590/S1413-73722011000200012.

25. Holanda ML, Frota MA, Machado MFAS, Vieira NFC. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. Cogitare Enferm [Internet] 2010 [cited 2016 July 07];15(4):702-8. Available from:

<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/File/20371/13540>

26. Pitangui ACR, Gomes MRA, Lima AS, Schwingel PA, Albuquerque APS, Araújo RC. Menstruation disturbances: prevalence, characteristics, and effects on the activities of daily living among adolescent girls from Brazil. J Pediatr Adolesc Gynecol [Internet] 2013 [cited 2016 July 07];26(3):148-52. Available from:

<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1083318812002501>

doi:10.1016/j.jpag.2012.12.001

Submissão: 08/07/2016

Aceito: 15/06/2017

Publicado: 15/07/2017

Correspondência

Ana Carolina Rodarti Pitangui

Colegiado de Fisioterapia

Universidade de Pernambuco/UPE

Br 203 km 2 s/n, Vila Eduardo - Cidade Universitária

CEP: 56328-903 - Petrolina (PE), Brasil